

19. O gosto com o qual Cristo viveu

"Fui crucificado com Cristo [completamente o oposto de "Deus não queira, Senhor; isto nunca te acontecerá!" de Pedro. Paulo não só não rejeita a Cruz, mas se deixa crucificar], não sou eu mais que vivo, mas Cristo vive em mim. E esta vida, que vivo no corpo [na carne], vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e entregou-se por mim." (Ga 2,19-20)

A fé é aquele sentir segundo Deus, que nos faz saborear em nossa humanidade e em nossa carne o gosto da vida de Cristo, o gosto da vida vivida por Cristo, em cada detalhes, das flores à chuva, do grão de mostarda aos campos de trigo, da ovelha ao camelo, do pão ao vinho, dos figos aos ovos, das brincadeiras das crianças à fé dos leprosos, e etc. Porque todo o Evangelho ilustra os sentimentos interiores de Cristo Jesus, o gosto da vida que Jesus tinha vivendo como Filho do Pai, cheio de Espírito Santo, vivendo para amar ao ponto de dar a vida pelos pecadores.

Quando se perde o gosto da vida, a vocação também se torna uma profissão. Já não é mais a nossa vida, mas uma profissão. E começamos a degustar outras coisas, quando tiramos o uniforme e nos sentimos livres para viver, em um divertimento egoísta, de nossa maneira. Mas inevitavelmente, nestes casos, não é mais procurado o gosto da realidade, mas o gosto de um sonho, uma miragem.

Como se pode perder o gosto da vida seguindo uma vocação? Talvez por não segui-la totalmente, no fundo de nós mesmos, isto é, com um coração sedento de senso e felicidade, e portanto, de desejo de saborear a vida, viver cada momento, circunstância e encontro com um senso de realização. Mas isto se vive se não seguimos a Cristo de forma exterior, formalmente, mas no seu modo de viver, até deixá-Lo viver em nós. E isto quer dizer, até sentir, saborear a vida como Ele a sentia e saboreava, ao ponto de ter em nós os "mesmos sentimentos de Cristo".

Mas o que dava sabor, dava sentido a cada detalhe da vida humana de Jesus? O que provocava Nele o gosto de viver, Ele que vinha do Céu, Ele que tinha totalidade de vida e gosto na Trindade, e não precisava vir provar gosto em nossa vida humana, deteriorada pelo pecado, em uma sociedade, cultura, uma natureza deterioradas pelo pecado, Ele que não tinha pecado. No Evangelho há inúmeros exemplos do que desencadeava em Jesus quando degustava algo, mesmo mínimo, como um pardal, um lírio, uma velhinha que coloca duas moedinhas no tesouro do Templo, a cor das nuvens fluindo pelo céu, o tamanho de um camelo, um campo de trigo maduro, o convívio de um banquete, um pai que dá um ovo ao filho... O que provocava em Jesus o gosto no viver cada momento?

O Pai! A memória do Pai, do Pai presente, unido à Ele naquele instante como na eternidade, naquele instante porque já na eternidade. E a memória do Pai significava para Jesus, considerar os sentimentos do Pai refletidos na realidade, no momento, gesto, circunstância, pessoa a qual Jesus estava fazendo experiência.

E o gosto, o gosto transbordante de alegria, vinha da conjunção feita pela memória de Jesus entre os sentimentos do Pai e isto, este detalhe. «Naquela mesma hora, Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: "Pai, Senhor do céu e da terra, te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, bendigo-te porque assim foi do teu agrado. Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai, nem o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar."» (Lc 10,21-22).

É esta união entre a memória do Pai e a experiência vivida, que enchia a vida de Jesus de gosto e alegria. O gosto da realidade, que O enchia de alegria grata em cada instante, era a memória do Pai como Aquele que dava tudo aos pequeninos "do seu agrado", isto é, gratuitamente. O gosto de tudo para Jesus, era a consciência de que tudo foi dado, e era sinal da bondade do Pai que dava tudo ao Filho, e que tudo, cada circunstância, cada encontro permitia saber quem é o Pai, conhecer o Pai. Foi este o gosto pela vida comunicado por Cristo, e graças à Ele, também podemos fazer memória, no presente, que tudo foi dado pelo Pai, e isto é motivo de gratidão, de "eucaristia", pois através de cada fragmento da realidade nos é concedido conhecer o Pai e o Filho, como Eles se conhecem e se amam.

Até na Cruz, Jesus encontrou na referência ao Pai, na memória dos sentimentos do Pai mendigados na agonia do Getsêmani, o sentido positivo desta terrível circunstância, e a irradiou, a comunicou. Ao ladrão arrependido, comunicou a certeza de entrar no Paraíso, com o Pai (cf. Lc 24,43). E Marcos ressalta não ser o terremoto a dar a fé ao centurião, mas a forma como Jesus expirou: «O centurião, encontrava-se diante Dele, e tendo visto expirar daquele modo, disse: "Realmente este homem era Filho de Deus!"» (Mc 15,39).

O que viu aquele homem, aquele pagão, diante Dele, em Sua presença? O que viu, provavelmente de cima de seu cavalo, posição que lhe permitia ficar quase face a face com Jesus? Deve ter percebido o sentido que a relação com o Pai deu à morte de Cristo, a Seu expirar, ao entregar o espírito. "Realmente este homem era Filho de Deus!". Não se pode confessar o mistério de Cristo com esta precisão, sem antes, ter uma graça especial, mas a graça de compreender o sentido com o qual o próprio Jesus vivia sua morte, isto é, aceitando-a como o presente do Pai e dando-Lhe com gratidão.

Por isso, nos foi pedido e dado, pedido porque foi dado, de viver o gosto de cada momento da vida até a morte, isto é, o gosto verdadeiro de *toda a vida*, fazendo memória de Cristo como Ele fazia do Pai, ou fazendo memória do Pai como Jesus, ou em Jesus, que é o mesmo.